

APRESENTAÇÃO

O presente número da revista *Itinerários* nasceu da reunião de dois temas propostos: “Literatura e poder” e “Re/escrituras”. Com essa publicação conjunta, seu enfoque tornou-se amplo e dinâmico, explorando o fenômeno literário por perspectivas bastante variadas.

Introduzindo a temática da literatura e poder, Alcir Pécora discute a interpretação tradicional das *Cartas Chilenas* enquanto texto que expressaria o espírito de resistência à Metrópole no período do Brasil Colônia, investigando em que medida a obra literária pode ser lida enquanto documento histórico ou fonte de pesquisa historiográfica. Rejeitando leituras simplificadoras (que desconsideram o caráter inventivo do texto literário, as convenções retóricas, sua inserção em determinada tradição poética, etc.), o artigo faz um resgate hermenêutico do significado de “documento”, a partir do qual interpreta as *Cartas Chilenas* como produto histórico, ou seja, como fruto de uma dada constelação sócio-cultural demarcada temporalmente. Isso significa que o texto é um “documento histórico” fiel ao período de sua criação/recepção tanto no que contém de invenção e recriação, quanto no que se refere à representação de seu momento presente.

Tereza Virginia de Almeida discute o “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade, confrontando-o com comentários expressos pelo teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht em colóquio realizado no Brasil, passando depois por pensadores como Silviano Santiago, Benedito Nunes, etc. Ao contrário da leitura canonizada do “Manifesto”, que entende a antropofagia em sentido metafórico – referindo-se à postura crítica que permeia a retomada de elementos provenientes das literaturas dominantes pela literatura brasileira –, Tereza Virginia de Almeida argumenta que, para Oswald de Andrade, o canibalismo equivale a um instinto universal que estaria na raiz de fenômenos como o amor, a amizade e mesmo a ciência. Rebelando-se contra a própria idéia de superioridade cultural (de qualquer cultura), o canibalismo oswaldiano veria inclusive a ciência como resultado do processo de devoração, o que colocaria a modernização e o primitivismo no mesmo patamar enquanto resultados diferentes de um mesmo instinto gerador.

O ensaio de Belmira Rita da Costa Magalhães analisa a restrição à palavra e o silêncio imposto pela dominação na Colônia e na Metrópole, enquanto o de Luiz Fernando Ferreira Sá retoma um assunto polêmico que há séculos divide os estudiosos da obra de John Milton – os papéis de Satã e Deus no *Paraíso perdido* e a rica galeria de metáforas políticas empregadas pelo poeta. Embora considere os elementos políticos essencialmente como instrumentos a serviço das crenças espirituais de Milton, Luiz Fernando Ferreira Sá analisa o texto relacionando-o às condições sócio-políticas vigentes na Inglaterra do século XVII e às vigentes na atual era da globalização.

Depois de apresentar um panorama histórico e conceitual do romance, Antônio Donizeti Pires contrapõe as idéias de Lukács e as produções de vanguarda que, a exemplo dos romances de Clarice Lispector, subvertem o realismo crítico lukacsiano. A segunda parte do artigo realiza uma análise de *O processo* (Kafka).

Abrindo a seção com a temática da re-escritura, Charles Perrone debruça-se sobre a recepção de Guimarães Rosa nos Estados Unidos, comentando os cursos ali oferecidos, as teses defendidas e as traduções existentes para o inglês. Evando Batista Nascimento enfoca o poema “Eros e Psiquê” (Fernando Pessoa) sob a ótica de teóricos como R. Barthes e G. Bataille, relacionando-o ao mito grego e ao conto de fadas *A Bela Adormecida no Bosque*, de Charles Perrault. Dinamara Garcia Rodrigues discute, a partir de Baudelaire, a crítica poética feita por poetas: não a crítica que fala de poesia, mas aquela que *é*, ela própria, poética. Lançando mão de teóricos como Barthes, Blanchot, Frye, etc., o artigo discute em que medida a crítica de poesia pode ser considerada “ciência” ou então “arte”.

Delzi Alves Laranjeira recorre à Semiótica para abordar contos de Robert Coover, analisando como o autor retoma episódios bíblicos, mas de forma a recontar as histórias sob o prisma do humano (em oposição ao sagrado instituído pela Bíblia). Com isso, Coover instaura novos significados que representam uma subversão do sentido tradicionalmente veiculado. O texto bíblico também é o referencial da análise que Ana Maria Felipini Neves empreende de canções de Caetano Veloso, mostrando como o poeta tanto se aproxima como se afasta da tradição.

A seção “Varia” contém o artigo de Laura Beatriz Fonseca de Almeida, que analisa o narrador no conto *Tempo da camisolinha* (Mário de Andrade), e o texto de Mariarosaria Fabris, que comenta traduções que realizou de poesias de Cesare Ruffato.

Karin Volobuef